

ANC
p 5

A insuportável leviandade dos seres

GERALDO FORBES

Uma breve viagem, a distância, a clara perspectiva dos nossos absurdos cotidianos. Na terça-feira, a decepção adicional da consagração do presidencialismo e com ele a certeza da continuidade de periódicas crises institucionais e da manutenção da nefasta tutela militar.

A Constituição de 1988, recusando o parlamentarismo, o voto distrital e o voto proporcional, recusa também o moderno, a democracia, a ordem e o progresso. A nova Carta nasce antiquada, enferma, aleijada. Seus dispositivos, desenhados sob medida para a politicagem dos presentes politicóides, asseguram a permanência de nosso rico e pobre País no rol das nações em vias de subdesenvolvimento.

Agora, o futuro pertence aos demagogos, aos populistas e aos entretenedores de massa. Estamos condenados ao charlatanismo e ao messianismo. A razão, a política e a honestidade continuarão subjugados à emoção, ao coronelismo e à mentira. Em uma palavra, nosso destino é o atraso.

Alguns poderão objetar que os Estados Unidos também têm sua dose de primitivos como Reagan, de demagogos como Jackson, de evangelistas-picaretas como Swagart e Robertson. Acontece que as suas instituições políticas e o seu sistema legal estão sendo estrutu-

rados, que há limites bem claros para os estragos que esses personagens podem causar.

Já no Brasil, um país em que o Judiciário é uma geringonça de fazer injustiças, em que as leis não valem para os grandes, e em que o Congresso é, como se viu, uma casa de negócios, o cidadão fica absolutamente indefeso e desprotegido diante dos abusos do Estado, das grandes companhias e dos governantes.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a autoridade fiscal e a sua gulsão controladas pelo Congresso, aqui, pelo tecnocrata de plantão. Resultado: muito imposto no assalariado, evasão consentida na indústria, no comércio e nos bancos.

Lá, um banqueiro desonesto acaba na cadeia, aqui, os bancos manipulam números, chantagem credores, não pagam seus débitos. Lá, o público tem direito a toda informação econômica e financeira e sua sonegação ou vazamento para amigos dá cana. Cá, dá champagne para os amiguinhos que jogam na Bolsa com cartas marcadas e que participam de ofertas de obras (a fazer e feitas — Norte-Sul e Ara-cruz), que não são concorrências. São ocorrências.

Nos Estados Unidos, os Jânios, os Brizolas, os Silvios Santos, os Geisels e os Pelés seriam controlados por sólidas e respeitadas leis. Nixon, um velhaco esperto, acabou praticamente deposto. Aqui, Sar-

ney segue bigodeando um povo de miseráveis com a ajuda de uma elite ainda mais miserável.

O que fazer, neste quadro? O que fazer depois da nojeira de compra e venda de consciências no Congresso? Emigrar? Resignar-se? Juntar-se e corromper-se? Fechar os olhos?

Nesta semana, vi dois filmes em Nova York. Um, a nova versão do Julgamento do macaco, que em 1925 opôs o grande advogado liberal Clarence Darrow na defesa de um professor secundário que ensinava a teoria da evolução das espécies, contra um demagogo, W. Bryan, ex-candidato à Presidência, que queria proibir suas aulas por ofender a "verdade" imutável da Bíblia. Galileu e Darwin contra a estupidez do populado. A leviandade e a burrice de tomar a Bíblia em vão. O apelo da oratória vazia dos charlatães. E, portanto...

O outro, é uma obra-prima de Louis Malle. Chama-se Au revoir les enfants e mostra, a partir do microcosmo de um colégio interno de padres, que, na França ocupada, abrigam três meninos judeus, toda a degradação dos indivíduos e dos grupos sociais, submetidos à pressão do poder incontrastado.

É uma história do conformismo abjeto com a injustiça e brutalidade das forças de ocupação. É uma narrativa de mesquinhas e mercado negro, de egoísmo e comodismo, de covardia e traição. Por di-

nheiro, por migalhas de favor, por nada de verdadeiro valor.

O título — Au revoir les enfants — é a simples despedida do reitor, preso pela Gestapo, às suas crianças. Seus ex-alunos, suas ex-crianças, com a infância, a inocência e os sonhos, cortados pela realidade brutal da ilegalidade, cevada na corrupção, na rendição e na renúncia de princípios.

E o que fazer neste Brasil de agora? Resistir, resistir e resistir. Criticar, denunciar, opor-se. Manter, contra o falso bom senso do sempiterno acomodamento, a certeza inquebrantável dos que estão com a verdade da lei. Da lei legal, a legítima, originária do povo, fundada na ética, na moral e nos princípios políticos da democracia.

O que fazer depois destes votos e desta traição? Não desistir nunca. Lutar sem cessar até destruir e expulsar essa corja que aniquila o País.

Ter a burrice de Galileu contra a burrice dos fariseus. Ter a teimosia invencível de Thomas More contra o arbítrio de Henrique VIII. Sem medo. Afinal, que importa ser decapitado, se o preço de manter a cabeça é ter o espírito e ela apegunados e violados?

A tentativa de transição acabou. Não houve. O sistema político-militar burocrático instalado em 64 continua seu império. O resto é ilusão. Infantilidade.

Tchau, crianças.

E vamos à luta.